



**PIBID/HISTÓRIA/UFAC: EXPERIÊNCIAS COM A TEMÁTICA INDÍGENA
NA ESCOLA RAIMUNDO GOMES DE OLIVEIRA EM RIO BRANCO – AC**

**PIBID/HISTÓRIA/UFAC: EXPERIENCES WITH THE INDIGENOUS
THEME AT THE RAIMUNDO GOMES DE OLIVEIRA SCHOOL IN RIO BRANCO
– AC**

Ramon Nere de Lima¹

RESUMO

O presente artigo se configura como uma exposição das experiências de ensino-aprendizagem vivenciadas no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da área de História. Nele, apresenta-se uma reflexão sobre as práticas desenvolvidas no decorrer das atividades realizadas na Escola Estadual Raimundo Gomes de Oliveira, localizada no bairro Tucumã, em Rio Branco – AC, no segundo semestre de 2019, que trouxeram a temática indígena, especificamente os discursos produzidos pelos não-indígenas sobre as comunidades indígenas. Nesse sentido, faz-se importante compreender e construir saberes com os alunos a respeito dos povos indígenas acreanos e nacionais, demonstrando suas características e contribuições para formação do Acre e do Brasil, desconstruindo visões pejorativas e irrisórias objetivando o enfrentamento ao preconceito estrutural brasileiro. O objetivo principal do PIBID é contribuir para formação docente com o aumento de sua qualidade nos cursos de licenciatura, integrando a educação superior e a básica, no sentido de elaborar propostas de ensino diferenciadas em contextos escolares acreanos. O Programa antevê a experiência em sala de aula para os futuros professores de História, cooperando, assim, para o processo de formação com as intervenções educacionais “Aulas Inovadoras”, construídas em parceria entre pibidianos e alunos. Dessa forma, é uma construção em conjunto no processo de ensino-aprendizagem. Do ponto de vista teórico-metodológico, será feita uma pesquisa de campo, em conjunto com uma investigação bibliográfica qualitativa em artigos científicos e em algumas obras, como Bittencourt (2018), Morin (2000); Amorim, Castro, Silva (2012); Collet, Paladino, Russo (2017). Foi possível constatar certos desafios no processo de ensino-aprendizagem pela maneira como o assunto é abordado, os conceitos pré-concebidos existentes. Contudo, constitui-se fundamental o estudo dessa temática para consolidar uma visão diferenciada da qual os indígenas foram e são retratados na história oficial.

PALAVRAS-CHAVE: PIBID. Indígenas. Discurso. Formação docente.

ABSTRACT

This article is configured as an exhibition of the teaching-learning experiences experienced in the Institutional Program of Initiation Scholarship to Teaching (PIBID) of the History area, it presents a reflection of the practices developed during the activities carried out at the Raimundo Gomes de Oliveira State School, located in the Tucumã neighborhood in Rio Branco - AC in the second half of 2019, bringing the indigenous theme, specifically the discourses produced by non-indigenous peoples about indigenous communities. In this sense, it is important to understand and build knowledge with students about the indigenous peoples of Acre and national, demonstrating their characteristics and contributions to the formation of Acre and Brazil, deconstructing pejorative and derisory views. The main objective of PIBID is to contribute to teacher training by increasing its quality in undergraduate courses, integrating higher and basic education, in order to elaborate differentiated teaching proposals on Acre's school contexts. The Program anticipates the experience in the classroom for future history teachers thus cooperating for the training process with the educational interventions "Innovative Classes", built in partnership

¹ Bacharel em Ciência Política pelo Centro Universitário Internacional UNINTER, Licenciando em História pela Universidade Federal do Acre (UFAC), Pós-graduando em Tecnologias Digitais Aplicadas à Educação, Metodologia de Ensino de História e MBA em Gestão Pública pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI). E-mail: ramonnere99@gmail.com.



between Pibidians and students, thus it is a joint construction in the teaching-learning process. From the theoretical and methodological point of view, a field research will be carried out, together with a qualitative bibliographical investigation in scientific articles and some works, Bittencourt (2018), Morin (2000), Amorim; Castro; Silva (2012), Collet; Paladino; Russo (2017). It was possible to see certain challenges in the teaching-learning process by the way the subject is approached, the existing pre-conceived concepts. However, it is fundamental to study this theme to consolidate a differentiated view of which the indigenous were and are portrayed in the official history.

KEYWORDS: PIBID. Indigenous. Speech. Teacher training.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo traz as experiências de ensino-aprendizagem proporcionadas pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da área de História da Universidade Federal do Acre (UFAC), ocorridas na Escola Estadual Raimundo Gomes de Oliveira, no segundo semestre de 2019. Elas demonstram o contato com os alunos de escolas públicas para um aprimoramento do processo de formação docente. O PIBID possui a perspectiva de auxílio na formação de professores, consistindo em intervenções educacionais no contexto escolar acreano na forma das “Aulas inovadoras”. Assim, se constitui uma via de construção conjunta entre “pibidianos” e alunos da rede pública da capital acreana, Rio Branco, com o objetivo de transformar, ou melhor, inovar na prática docente e significar uma História que, muitas vezes, é vista como distante e não possui nenhuma relação com os sujeitos e a realidade social.

Desse modo, de início, houve a necessidade do estudo dos Referencias Curriculares do Estado, do projeto político-pedagógico da escola, do plano de ensino e das sequências didáticas utilizadas pelos professores da escola. Assim, pode-se pensar sobre a constituição dessa aula dentro dos objetivos propostos. A finalidade desse estudo era situar a intervenção educacional nos documentos orientadores do desenvolvimento escolar em nível geral e particular.

Simultaneamente, se procurou definir uma temática significativa para trabalhá-la utilizando meios didáticos enriquecedores na troca de vivências entre os “pibidianos” e os alunos da Escola. Assim, o contato com o contexto escolar característico tal qual a interação com as problemáticas ali presentes sustentou o pilar para se pensar numa propositura que tivesse tanto vínculo com os objetivos da escola — os parâmetros dos documentos educacionais correntes — como também com uma das linhas de pesquisa propostas pelo subprojeto do PIBID – História.



Como consequência dessas ponderações, uma das temáticas propícias são as questões indígenas, que se ligavam com a linha de pesquisa: “Populações amazônicas/acreas ‘tradicionais’: índios, seringueiros e ribeirinhos”, que busca trazer reflexões, para a formação do professor de história, sobre questões relacionadas a vivências, experiências, representações, misticismos/religiosidades, formas organizacionais do trabalho e lutas sociais destas populações que ocuparam e ocupam esta região brasileira, da Amazônia do Acre, na busca de compreender as continuidades e rupturas de suas culturas, de suas práticas religiosas, econômicas, política e sociais. Assim, tem-se como problemática os discursos não-indígenas sobre as comunidades indígenas, em especial, esse olhar do outro sobre sujeitos “marginalizados”. Com isso, pretendemos pensar em quais são os discursos produzidos pelos alunos sobre os povos indígenas e como os indígenas são vistos. Para isso, leva-se esses questionamentos aos alunos, tendo como objetivo geral compreender os discursos não-indígenas sobre os povos indígenas, os preconceitos e visões estereotipadas e caricatas sobre eles.

Dessa maneira, se possibilita reflexões sobre os métodos aplicados no ambiente escolar com o advento de abordagens diferenciadas dos conteúdos. Com isso, traz a oportunidade de se trabalhar mais a fundo com essa temática fundamental para formação dos alunos. Portanto, em consonância a isso, o tema escolhido também vai ao encontro dos objetivos da Lei 11. 645, que asseguram o ensino obrigatório da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

Dessa forma, na construção do plano, foi pensado, como abordagem diferenciada, iniciar com discussões sobre os conceitos de “discurso”, numa perspectiva sociológica especificamente na obra “Conceitos Essenciais da Sociologia”, de Anthony Giddens e Philip W. Sutton (2017). Também foi pensado o início das discussões com o conceito de “índio”, trazido no livro “Quebrando preconceitos: subsídios para o ensino das culturas e histórias dos povos indígenas”, de Célia Collet, Mariana Palatino e Kelly Russo (2017), além das contribuições da obra “A presença indígena na formação do Brasil”, de João Pacheco de Oliveira e Carlos Augusto da Rocha Freire (2006). Tudo isso foi trabalhado de maneira com que houvesse uma transposição didática adequada aos conhecimentos dos alunos e faixa etária, enfocando nos discursos produzidos pelos não-indígenas sobre os povos indígenas presentes na sociedade acreana e brasileira, buscando demonstrar uma visão distinta do conteúdo passado, ensinado e apreendidos pelos alunos, considerando perspectivas que constantemente não são trazidas no cotidiano escolar.



Fez-se importante a compreensão e construção de saberes com os alunos a respeito de algumas etnias locais e nacionais, demonstrando suas características e contribuições para formação do Acre e do Brasil. Destaca-se também a desconstrução de visões pejorativas e irrisórias, buscando a valorização das contribuições nas diversas áreas: social, cultural, religiosa política e histórica.

Portanto, vão ser apresentadas experiências de ensino-aprendizagem focadas nos povos indígenas relacionadas à educação étnico-racial dentro de contexto educacional, objetivando contribuir para uma educação antirracista que respeite a diversidade e pluralidade étnica nacional.

2 “AULA INOVADORA”: DISCURSOS NÃO-INDÍGENAS

2.1 Antecedentes e preparação

Ao longo dos meses preparatórios dessa atividade e sua apresentação, foram oferecidas, pela coordenação do PIBID – História, orientações relacionadas à elaboração de aulas inovadoras, não sendo enfatizada a questão dos recursos a serem usados, mas a maneira pela qual os temas e conteúdos poderiam ser discutidos e transformarem a percepção dos alunos quanto a eles. A respeito disso, houve também a exposição do Coord. Prof. Me. Armstrong da Silva Santos, intitulada “Para pensar a imagem com(o) palavra: concepções, usos e significados das imagens na história” (Pibid/História, 2019).

Quanto ao método e à visão da inovação, se destaca a oficina/curso realizada na UFAC, baseada no livro “Ensino de História: fundamentos e métodos”, da historiadora Circe Maria Fernandes Bittencourt (2018), na qual pode-se dimensionar possibilidades de ensino de história alternativas ao modo tradicional de ministração dos conteúdos, ampliando pontos de vista que viabilizam conexões mais expressivas entre professor-aluno, os conteúdos e a realidade social vivenciada por eles.

O trabalho, iniciado no mês de junho de 2019, foi desenvolvido por sete estudantes bolsistas do PIBID – História UFAC. As atividades foram realizadas na Escola Estadual Raimundo Gomes de Oliveira e foram orientadas pela professora supervisora da escola, Maria Zenaide da Silva Lima, que organizou os bolsistas entres grupos de alunos. A maioria dos bolsistas teve seu primeiro contato com alunos da educação básica. Cada um ficou responsável por orientar um grupo para apresentação dos resultados no dia 20 de novembro de 2019, durante



o "VI Seminário do PIBID/UFAC", em conjunto com as atividades realizadas no Dia da Consciência Negra. Cada grupo era constituído por cinco alunos da escola.

Durante o processo de ensino-aprendizagem na escola Raimundo Gomes de Oliveira, pode-se perceber os conhecimentos dos alunos sobre a temática através dos seus discursos, entendidos a partir do pensamento de Anthony Giddens e Philip W. Sutton (2017, p. 7) como “modo de falar e pensar sobre um assunto, unido por princípios comuns. Seu intuito é estruturar a compreensão e as ações das pessoas sobre determinado assunto”.

Ao longo dos encontros, foram apresentados vídeos aos alunos, como “Os Indígenas — Raízes do Brasil”, que faz parte de uma série de vídeos sobre a constituição dos brasileiros; “O Curupira”, da série “Juro que vi”, que traz elementos folclóricos da cultura do país, e “Uma história do cipó”, que se trata de uma animação sobre a história do cipó, que é utilizada em rituais sagrados por diversos povos da região amazônica. O intuito era de familiarizar os alunos com o assunto e levantar questionamento sobre o que eles conseguiam captar dos vídeos.

No primeiro momento de contato com os alunos, foi perguntado o que eles sabiam sobre os povos indígenas. Logo na primeira resposta, a aluna K. S., do 7º ano do ensino fundamental, disse: “eu não sei muito não, mas eu tenho medo de índios, eu acho que eles são selvagens”. Isso pode causar surpresa num primeiro momento, pois a temática indígena é descrita como conteúdo a ser trabalhado no 6º ano, conforme o Caderno de Orientações Curriculares do Estado: “ identificação de diferentes tipos de uso, posse e exploração dos espaços físicos pelos diversos grupos indígenas da América, com ênfase no modo como as comunidades indígenas do Acre se relacionam com a terra.” (ACRE, 2010, p. 33).

O aluno P., do 6º, quando perguntado sobre o que conhecia, disse: “a gente está estudando isso, mas eu não sei muita coisa... eu acho que eles vivem na mata, caçando e pescando, mas eu acho que não existem mais”. Percebe-se que, apesar de estar estudando sobre os povos indígenas, na fala dele, permanece o repasse de uma visão caricata e genérica, que não ressalta a diversidade étnica existente.

Desse modo, a partir das falas de alguns alunos, pode-se perceber certos preconceitos existentes, devido a todo imaginário social que se consolida na manifestação como descreve Collet, Paladino e Russ (2017):

[...] falta de tempo e também de informação termina por reforçar preconceitos, estabelecendo uma espécie de índio genérico, que nega a identidade cultural de centenas de povos indígenas existentes em nosso país. Nem todos os índios falam tupi, vivem em ocas ou cultuam Tupã. Nem todos usam canoa e nenhum grupo cultural brasileiro faz “uh-uh-uh”, com a mão na boca, como costuma ser feito nas



escolas! Não existe esse coletivo homogêneo denominados “índios”. Aliás, falar em povos indígenas é estar aberto e disposto a conhecer uma imensa diversidade cultural. (COLLET; PALADINO; RUSS, 2017, p. 43).

Assim, foi preciso ressaltar a imensa diversidade cultural dos povos indígenas e não os homogeneizar em figuras genéricas carregadas de preconceitos por meio de exposições explicativas e apresentação de vídeos sobre a temática com os alunos. Com isso, eles foram percebendo, aos poucos, as características que formam a identidade desses sujeitos.

Após o vídeo “Os Indígenas - Raízes do Brasil”, a aluna E., do 7º ano, disse: “eu não sabia disso, eu pensava que os indígenas eram todos iguais. Agora eu sei que existe diferença entre eles”. Vale salientar que o processo de desconstrução leva um tempo.

Ao longo de um grande período, e ainda hoje na historiografia oficial, se configura uma perspectiva eurocêntrica de narrativa, em boa parte ligada com a história do colonizador, expondo a continuidade do processo de dominação sobre o território e seus habitantes, como afirma Pacheco e Freire (2006):

A nossa história tem sido sempre descrita como a história da colonização, como a narrativa da transferência de pessoas, instituições e conhecimentos para um novo cenário, não-europeu, sobre o qual estas vieram a estabelecer um progressivo controle, dando origem ao marco territorial atual. Nesse relato as populações autóctones entraram sobretudo marcadas pelo acidental, pelo exótico e pelo passageiro, como se a existência de indígenas fosse algo inteiramente fortuito, um obstáculo que logo veio a ser superado e, com o passar do tempo, chegou a ser minimizado e quase inteiramente esquecido. (PACHECO DE OLIVEIRA; FREIRE, 2006, p. 17).

Dessa forma, os indígenas foram tratados como exóticos, ao serem colocados no esquecimento em um processo de desconsideração suas culturas, seus saberes e suas práticas sociais, por meio de uma narrativa dominante carregada de preconceitos sobre eles e a floresta amazônica, formando, na interpretação de Maria Janete Cesário Braga (2017):

O imaginário fantasioso do europeu sobre a floresta amazônica foi criado a partir das narrativas dos viajantes que produziram um discurso carregado dos mais diversos tipos de preconceitos, como por exemplo, o preconceito racial, este sendo mais óbvio e escancarado de todos, onde o europeu, “homem branco”, se achava superior aos índios. (BRAGA, 2017, p. 1).

Desse modo, isso reflete na maneira como os alunos veem os povos indígenas de uma forma genérica e distorcida. Com isso, é essencial a desconstrução e reconstrução de uma visão sobre os indígenas num processo dialógico e significativo para eles. Assim, como aponta Almeida:



[...] a importância de repensar uma maneira de reescrever a história dos povos indígenas como sujeitos para incorporá-los como sujeitos históricos, pois várias gerações tiveram uma educação com ideias errôneas e preconceituosas em relação a povos indígenas, é algo crucial da perspectiva acadêmica, social e política para que também se possa ensinar uma nova história dos povos indígenas diversa, plural e sem estereótipos. (ALMEIDA, 2017, p.35 *apud* FRANÇA; LIMA, 2020, p. 75)

Nesse sentido, a proposta de “aula inovadora” do PIBID - História da UFAC traz uma possibilidade de repensar, reescrever e ensinar a história dos povos indígenas como sujeitos históricos, numa nova história diversa, plural e sem estereótipos.

2.2 Apresentação dos resultados

Cada bolsista apresentou o seu tema de acordo o que foi desenvolvido com os alunos. Assim, a temática “discursos não-indígenas” foi apresentada em conjunto com outros trabalhos com diversos temas, discutindo as questões relativas aos povos indígenas, as visões estereotipadas e caricatas, desconstruindo-as e enfatizando a importância dos indígenas na construção do Acre e do Brasil.

Seguindo a linha de pensamento de França e Lima (2020), é preciso ressaltar que:

trabalhar a temática indígena em sala de aula é passar da superficialidade das aparências se da maneira como convencionalmente se colocou os povos indígenas, devendo assim ser observado as transformações, os contatos interétnicos e recriação dentro de suas culturas específicas para assim desconstruir os preconceitos e visões errôneas e demonstrar para os alunos suas contribuições. (FRANÇA; LIMA, 2020, p. 71-72)

Nesse sentido, abordar questões étnico-raciais em sala de aula é ultrapassar o conhecimento raso, das projeções que foram feitas sobre os indígenas, sendo preciso demonstrar as mudanças e os múltiplos contatos entre si e com a sociedade envolvente, para, com isso, construir uma nova visão que ressalte as contribuições desses povos.

Para a realização das atividades, foi preciso um planejamento em encontros prévios dos alunos com os bolsistas, nos quais foram feitos esclarecimentos a respeito das atividades que os alunos deveriam conhecer e compreender para a apresentação durante o VI Seminário do PIBID/UFAC e o Dia da Consciência Negra.

Dessa forma, para exposição da aula inovadora foi pensada a partir da apresentação de cartazes no pátio da escola num ambiente diferente da sala de aula. Logo, a intenção foi a

preparação um espaço onde os alunos pudessem observar as representações imagéticas e pequenos textos do contexto histórico das temáticas trabalhadas.

Cada bolsista organizou, conforme sua temática, por meio de exposição, que ocorreria de forma simultânea envolvendo os demais alunos pertencentes da comunidade escolar, demonstrando os conhecimentos adquiridos, as transformações ocorridas ao longo das atividades realizadas com os alunos participantes do PIBID, como é possível entrever nas imagens (1) e (2) a seguir:

Figura 1: Cartazes sobre os povos indígenas.



Fonte: Arquivo próprio do bolsista Ramon Nere, Pibid/História, 2019.

Figura 1: Confecção dos cartazes sobre os povos indígenas.



Fonte: Arquivo próprio do bolsista Ramon Nere, Pibid/História, 2019.



O enquadramento da apresentação dentro da feira da Consciência Negra possibilitou a interação com todos os alunos da escola de todas as séries, não se restringindo aos 6º anos e 7º anos, como foi desenvolvido com os alunos participantes do programa.

Vale ressaltar que a importância de se acreditar na competência dos alunos aprenderem independentemente da idade e da série, levando em consideração seus conhecimentos, como entendido pelo pensamento de Célestin Freinet retomado por Amorim, Castro e Silva (2012): “No que cerne às práticas pedagógicas, [...] a criança ocupa posição central, pois o educador a vê como um ser atuante no processo de aprendizagem, sujeito que pensa, age, constrói e reconstrói seu conhecimento.” (AMORIM; CASTRO; SILVA, 2012, p. 4).

Os alunos são sujeitos ativos no processo de ensino-aprendizagem, além de participantes da História. Assim, deve-se levar em consideração a suas especificidades, suas formas de aprenderem os conteúdos escolares, trazendo-os ao centro do processo de aprendizagem, não limitando-os aos conteúdos propostos em suas séries “normais”.

A interdisciplinaridade teve um papel fundamental durante o processo de ensino-aprendizagem, pois, numa educação do futuro, não se pode fragmentar os conteúdos em “caixas”, não se pode isolar os alunos somente no conteúdo histórico, como se não houvesse uma conversa entre as demais disciplinas. Segundo Morin (2000), é preciso fazer uma conexão disciplinar para que os alunos possam ser capazes de compreender tendo vista um conhecimento complexo, ou seja, tecido junto.

Porquanto, foi durante a exposição, a possibilidade em perceber os olhares de curiosidade para saber mais sobre o que era apresentado. Dessa maneira, foi possível partilhar com mais alunos sobre a importância construção de uma nova perspectiva sobre os povos indígenas que combata os preconceitos e visões equivocadas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, percebe-se a importância das experiências vivenciadas no PIBID para a possibilidade da discussão da temática dos povos indígenas na História do Brasil com os alunos do Ensino Básico, construindo diálogos com os diversos sujeitos envolvidos nos processos de lutas, resistências e conflitos ressaltando sempre o protagonismo indígena.

Compreende-se, por meio dessas experiências de ensino-aprendizagem, a “aula inovadora”, uma dimensão de possibilidades de aproximação do Ensino Superior com o Ensino



Básico que o PIBID traz. Assim, proporcionando uma mudança dentro de aspectos teóricos, pedagógicos e metodológicos na contribuição de uma formação docente.

Entende-se, através da “aula inovadora”, a realidade e os múltiplos desafios da profissão docente, principalmente na abordagem de questões relacionadas aos povos indígenas com os alunos. Contudo, é possível encontrar formas de contribuir para um aprendizado mais profundo, expressivo e significativo para eles, considerando-os como tendo um papel ativo no processo de ensino-aprendizagem. A possibilidade de trabalhar com a temática étnico-racial na “aula inovadora” contribuiu para a constituição de uma educação que aborde esses personagens, que, por muito tempo, foram relegados ao esquecimento ou a categorias genéricas e estereotipadas.

Quando se fala em inovação, não diz respeito apenas ao uso de recursos didáticos que auxiliem na melhor compreensão dos alunos, e sim reunir novos significados a um conteúdo que já se encontra no livro didático, que, muitas vezes, é passado de maneira superficial, não fazendo nenhum sentido na realidade envolvente deles. É preciso a atuação do professor na empreitada de ressignificar os conteúdos. Dessa forma, a experiência no PIBID foi importante na possibilidade do contato com o contexto escolar, as práticas escolares e o desafio docência, viabilizando de aparatos para a concretização da “aula inovadora”, que contribuiu para uma intervenção na realidade escolar, objetivando uma educação que combata os preconceitos e visões errôneas sobre os povos indígenas.

É necessário mostrar os indígenas como sujeitos ativos na constituição do processo histórico para a desconstrução de perspectivas equivocadas e carregadas de preconceitos que se mantiveram por muito tempo presentes em uma historiografia brasileira de viés eurocêntrico e voltada somente para o elemento branco colonizador das elites. Dessa forma, por meio dessas experiências na educação vai se criando as bases para o combate ao racismo estrutural.

REFERÊNCIAS

ACRE. Governo do Estado do. **Orientações Curriculares para o Ensino Fundamental caderno I - História**. Rio Branco: Secretaria de Estado de Educação do Acre, 2010.

AMORIM, Giovana Carla Cardoso; CASTRO, Alexandra Maia Nolasco de; SILVA, Micaela Ferreira dos Santos. Teorias e práticas pedagógicas de Cèlestin Freinet e Paulo Freire. **Anais do IV FIPED–Fórum Internacional de Pedagogia**. Campina Grande: REALIZE Editora, 2012.



BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos.** Cortez editora, 2018.

BRAGA, Maria Janete Cesário. O silenciamento do índio nas narrativas sobre a Amazônia. **Tropos: comunicação, sociedade e cultura**, v. 6, n. 1, jul., p. 01-15, 2017.

COLLET, Célia; PALADINO, Mariana; RUSSO, Kelly. **Quebrando preconceitos: subsídios para o ensino das culturas e histórias dos povos indígenas.** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria; Laced, 2014.

FRANÇA, Jardel Silva.; LIMA, Ramon Nere. Formação docente: narrativas e experiências com as leis: 10.639/03 e 11.645/08 no PIBID/História/UFAC. **Revista em Favor de Igualdade Racial**, v. 3, p. 69-77, 2020.

GIDDENS, Anthony; SUTTON, Philip W. **Conceitos essenciais da sociologia.** São Paulo: Editora UNESP, 2017.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

PACHECO DE OLIVEIRA, João; FREIRE, Carlos Augusto da Rocha. **A presença indígena na formação do Brasil.** Brasília, DF: Ministério da Educação, 2006.

Enviado em: 03/07/2020
Aprovado em: 21/01/2021